

## IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA ROTINA ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

## IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE SCHOOL ROUTINE OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (TEA)

## REPERCUSIONES DE LA PANDEMIA DE COVID-19 EN LA RUTINA ESCOLAR DE LOS ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)

**Marcelo Krenak Alves do Nascimento**

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente-SP  
ORCID <https://orcid.org/0009-0008-8579-2663>  
E-mail: marcelo.krenak@unesp.br

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar os impactos causados no período de isolamento social, por causa da pandemia da COVID-19, na rotina escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A metodologia utilizada neste trabalho, foi de natureza quantitativa, com revisão bibliográfica e a aplicação de um questionário, elaborado com questões dissertativas e objetivas, respondido por professores de uma Escola Estadual no Município de Teodoro Sampaio, SP. Discentes com TEA, em muitos casos necessitam de apoio para desenvolver suas atividades escolares, sendo assim o objetivo principal foi compreender como se deu o atendimento de forma remota, quais foram as principais barreiras e os impactos causados. Os resultados mostraram que a pandemia devido a COVID19, trouxe muitos desafios acerca do ensino, com a inclusão do ensino remoto em que os professores tiveram que se reinventar em suas metodologias de ensino. Concluímos que o ensino remoto é desafiador e que a intervenção do professor é essencial e indispensável no processo de ensino.

**Palavras-chave:** Impactos. Contexto educacional. Rotina Escolar. Ensino na pandemia.

**ABSTRACT:** This article aims to present the impacts caused by the period of social isolation, due to the COVID-19 pandemic, on the school routine of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The methodology used in this work was quantitative in nature, with a bibliographic review and the application of a questionnaire, prepared with dissertative and objective questions, answered by teachers from a State School in the Municipality of Teodoro Sampaio, SP. Students with ASD often need support to carry out their school activities, so the main objective was to understand how remote care was provided, what the main barriers were and the impacts caused. The results showed that the COVID-19 pandemic has brought many challenges to teaching, with the inclusion of remote teaching in which teachers have had to reinvent their teaching methodologies. We conclude that remote teaching is challenging and that teacher intervention is essential and indispensable in the teaching process.

**Keywords:** Impacts. Educational context. School routine. Teaching in the pandemic.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo presentar los impactos causados por el período de aislamiento social, debido a la pandemia del COVID-19, en la rutina escolar de alumnos con Trastorno del Espectro Autista (TEA). La metodología utilizada en este trabajo fue de naturaleza cuantitativa, con revisión bibliográfica y aplicación de cuestionario, elaborado con preguntas dissertativas y objetivas, respondidas por profesores de una Escuela Estadual del Municipio de Teodoro Sampaio, SP. Los alumnos con TEA a menudo necesitan apoyo para realizar sus actividades escolares, por lo que el objetivo principal

era comprender cómo se proporcionaba la atención a distancia, cuáles eran las principales barreras y los impactos causados. Los resultados mostraron que la pandemia de COVID-19 ha traído muchos desafíos a la enseñanza, con la inclusión de la enseñanza a distancia en la que los profesores han tenido que reinventar sus metodologías de enseñanza. Concluimos que la enseñanza a distancia supone un reto y que la intervención del profesor es esencial e indispensable en el proceso de enseñanza.

**Palabras clave:** Impactos. Contexto educativo. Rutina escolar. La enseñanza en la pandemia.

## 1 INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020, noticiou-se em nosso país o primeiro caso de infecção por COVID-19, a partir daí, mais casos surgiram dando-se início a pandemia do novo coronavírus (COVID19). Com o intuito de conter a transmissão da doença deu-se início às medidas de quarentena (período de isolamento social). Como consequência, diversas mudanças ocorreram, em hospitais, comércio, transporte público, nas escolas, etc.

Com a pandemia da covid19, e consequentemente com as medidas restritivas de isolamento social, onde as escolas precisaram ser fechadas, as aulas passaram a ser realizadas de forma remota, utilizando-se de recursos tecnológicos, para atender aos estudantes do ensino regular e também aqueles com deficiências. Neste período supõe-se que a exclusão tenha se tornado ainda mais forte, pois sabemos que a interação social, foi grandemente comprometida com as aulas ocorrendo através das redes sociais ou plataformas digitais.

A inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais é um direito garantido por lei, este visa garantir o acesso à matrícula e a permanência nas instituições escolares, preferencialmente em redes regulares de ensino. No entanto, ainda existe uma enorme violação dos direitos deste público e a efetivação da lei ainda não foi bem-sucedida.

A Declaração de Salamanca (1994), defende que:

...todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar seus desejos em relação à educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor capacite às necessidades circunstanciais e as aspirações de seus filhos. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 6).

Em seu artigo 3º a Resolução SE 68, de 12-12-2017, vem nos situar sobre, quem é o público alvo da educação especial e em seu artigo 4º vem nortear como deve ser organizado o trabalho dentro destas salas.

Artigo 3º - São considerados público-alvo da Educação Especial, para efeito do que dispõe a presente resolução, os alunos com:

- I - Deficiência;
- II - Transtornos do Espectro Autista - TEA; ou
- III - Altas Habilidades ou Superdotação.

§ 1º - Aos alunos público-alvo da Educação Especial, devidamente matriculados na rede estadual de ensino, será assegurado Atendimento Educacional Especializado - AEE, a ser ofertado em Salas de Recursos dessa rede de ensino, inclusive na modalidade itinerante, ou em instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, que ofereçam esse atendimento, exclusivamente, no contraturno da frequência do aluno nas classes comuns do ensino regular.

§ 2º - Todos os profissionais da escola estarão envolvidos no atendimento aos alunos público-alvo da educação especial, com o objetivo de reduzir ou eliminar barreiras, proporcionando o apoio necessário a todos eles.

Artigo 4º - O Atendimento Educacional Especializado – AEE constitui conjuntos de atividades, de recursos de acessibilidade e de estratégias pedagógicas eliminadoras de barreiras que possam impedir o desenvolvimento da aprendizagem e a plena participação da pessoa com deficiência em sua inserção social, conforme descritas no artigo 2º da Lei federal 13.146/2015.

A Resolução SE 68, de 12-12-2017, vem em resposta ao direito dos estudantes como necessidades educacionais especiais à educação de qualidade, igualitária, inclusiva e centrada no respeito à diversidade humana e também para garantir o atendimento educacional especializado respeitando as características individuais de cada discente que faça parte do público-alvo da Educação Especial e que possa garantir o pleno desenvolvimento deste educando.

No tocante a inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), a violação dos direitos ainda é maior, esta é marcada por fatores excludentes, que muitas vezes pode estar atrelada a deficiente formação dos profissionais e a falta de informações tanto da família quanto das instituições educacionais.

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é diagnosticado observando os aspectos relacionados aos déficits na comunicação e também na interação social, além da presença de comportamentos restritos e repetitivos. Ainda segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o TEA tem afetado um a cada cento e sessenta (1:160) indivíduos no mundo, isso pode estar relacionado a vários fatores, tais como genéticos e também ambientais (ONU NEWS, 2017).

A inclusão de estudantes com TEA, na rede regular de ensino, está prevista em lei. Podemos citar a Política Nacional de Educação Especial numa perspectiva inclusiva (PNEE, 2008), Lei Nº 12.764 de 2012, a qual faz apontamentos específicos ao atendimento de discentes com TEA, visando garantir o acesso destes às instituições regulares de ensino.

O trabalho escolar com estudantes que têm TEA, sempre teve muitos desafios, isso antes de vivencermos o momento pandêmico da COVID-19. A inclusão desses estudantes nas redes regulares de ensino sempre encontrou muitas barreiras, seja por falta de profissionais com formação adequada, preconceitos e estereótipos de que esses discentes não aprendem e o trabalho com eles representa perda de tempo.

Entende-se que, cada pessoa com TEA, apresentam características diferentes, cada um tem as suas próprias especificidades e necessidades diferentes de suporte tanto nas interações quanto na comunicação, observar isso e levar a sério fará toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem desse estudante.

Desta forma, para que os estudantes com autismo possam ser incluídos de fato na escola, as suas especificidades precisam ser observadas e devem ser desenvolvidas estratégias pedagógicas, com o objetivo de promover a aprendizagem, para tanto é preciso promover uma adaptação curricular como saliente (MANTOAN, 2003, 2013).

Se faz necessário e urgente que mudanças ocorram dentro dos sistemas educacionais, não só no currículo, mas que seja implantado um modelo de escola que seja acolhedora e busque promover a inclusão de todos, sem distinções. Um modelo que possa garantir os direitos à educação e inserção social de cada estudante.

Assim sendo, este artigo pretende realizar um levantamento de como se deu o cotidiano escolar de estudantes com TEA, durante a pandemia da COVID-19. É muito comum os pais restringirem essas pessoas ao ambiente de sua residência, onde predominam atividades realizadas de forma solitária, muitas vezes é somente na escola que realizam atividades interagindo com outros, mas com o cenário de pandemia, mudanças drásticas ocorreram na rotina desses discentes.

De acordo com Mascaro (2020), a mudança das aulas presenciais para a aulas remotas realizadas em casa através de plataformas digitais, trouxe muitos desafios, e muitos foram os obstáculos encontrados, a conexão de internet com qualidade baixa, a falta de recursos tecnológicos para acessar as aulas, como computador, smartphone ou até mesmo a falta de um ambiente apropriado para realizar os estudos.

Com a finalidade de discorrer sobre a temática, buscando responder ao questionamento inicial realizamos uma pesquisa bibliográfica e a aplicação de um questionário para professores que atuam em suas salas de aula com estudantes autistas.

Desta forma, este trabalho está subdividido em três tópicos. No primeiro apresentamos a metodologia utilizada na realização da pesquisa e elaboração do artigo. No segundo tópico, discutimos as pesquisas bibliográficas que abordam o processo de inclusão dos estudantes com TEA, na rede regular de ensino, discorrendo sobre os aspectos legais. Procuramos também discutir sobre os impactos causados na rotina escolar devido à pandemia da COVID19. No terceiro apresentamos, os resultados obtidos na aplicação do questionário. Por fim, encerramos com as considerações finais, apresentando assim, como foi o cotidiano escolar dos estudantes com TEA durante o período da pandemia da COVID-19.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de abordagem de natureza qualitativa, de cunho descritivo e o seu desenvolvimento acontecerá em três etapas: a primeira foi voltada para o levantamento de pesquisas bibliográficas sobre o assunto discutido, a segunda refere-se à coleta de informações dos participantes da pesquisa: onde foi aplicado um questionário para dois professores que tiveram estudantes como TEA, matriculados em sua sala de aula. A terceira foi feita a transcrição dos dados obtidos.

A seleção bibliográfica, foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais, com o objetivo específico de selecionar as pesquisas mais relevantes sobre TEA e que estivessem relacionadas ao contexto da COVID-19, percebeu-se neste momento que, ainda são poucos as pesquisas publicadas em bancos de dados, isso até mesmo por se tratar de um assunto bastante recente.

A partir dos materiais bibliográficos selecionados, os quais atenderam aos critérios estabelecidos, iniciou-se a apreciação e a análise, para assim dar início a construção do texto.

O tratamento dos dados das análises bibliográficas e dos questionários aplicados, se deu da seguinte forma: seleção e organização dos documentos bibliográficos; exploração do material; classificação dos

dados; tratamento e interpretações dos dados; síntese e seleção de resultados e por fim, a elaboração do texto e as considerações, discutindo sobre os achados e conclusões a que chegamos sobre a pesquisa.

Julgamos adequados esse conjunto de procedimentos metodológicos para alcançarmos nossos objetivos de refletir sobre os Impactos da Pandemia de COVID-19 na rotina escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

### **3 ASPECTOS LEGAIS DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA**

A inclusão de estudantes com deficiência em uma escola de ensino regular, precisa perder o caráter de mero ato obrigatório e ganhar o sentido de construção de uma prática, pautada em um modelo de educação que esteja voltado à defesa da pessoa com deficiência bem como a toda diversidade de discentes.

Sobre o acolhimento da pessoa com TEA, as diretrizes de atenção à reabilitação descrevem que:

O tratamento deve ser estabelecido de modo acolhedor e humanizado, considerando o estado emocional da pessoa com TEA e seus familiares, direcionando suas ações ao desenvolvimento de funcionalidades e à compensação de limitações funcionais, como também à prevenção ou retardar de possível deterioração das capacidades funcionais, por meio de processos de habilitação e reabilitação focados no acompanhamento médico e no de outros profissionais de saúde envolvidos com as dimensões comportamentais, emocionais, cognitivas e de linguagem (oral, escrita e não verbal), pois estas são dimensões básicas à circulação e à pertença social das pessoas com TEA na sociedade (Brasil, 2012, p. 57).

Notadamente a inclusão de discentes com deficiência, é um princípio e uma abordagem educacional que busca garantir o acesso, a participação e o aprendizado de estudantes com deficiência em ambientes escolares regulares, ao invés de segregá-los em escolas especiais ou classes separadas. O objetivo da inclusão é proporcionar uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou deficiências.

Com relação a inclusão escolar, Santos (2008) afirma que:

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (Santos, 2008, p. 9).

O processo de inclusão dos estudantes com deficiência, envolve a remoção de barreiras físicas, comunicativas, sociais e pedagógicas que possam impedir a participação plena e igualitária desses estudantes na vida escolar. Isso pode incluir a adaptação de infraestruturas e recursos, o uso de tecnologias assistivas, a formação de professores para atender às necessidades específicas dos estudantes e a promoção de uma cultura inclusiva que valorize a diversidade e o respeito às diferenças.

Além disso, a inclusão não se limita apenas aos estudantes com deficiência física, mas também abrange estudantes com deficiência intelectual, sensorial (como deficiência visual ou auditiva), transtornos do espectro autista, entre outros. O objetivo é garantir que todos os discentes tenham acesso a oportunidades educacionais adequadas e sejam integrados em todas as atividades escolares, desde a sala de aula até as atividades extracurriculares.

Segundo Mantoan (2003), a inclusão está ligada ao conviver com as diferenças, e a escola é um espaço, onde as diversidades estão presentes, pois as pessoas são diferentes, cada uma com suas peculiaridades e singularidade, todas as diferenças precisam ser levadas em consideração no processo ensino-aprendizagem.

A Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, salienta que, a partir do processo de democratização da educação, os sistemas de ensino universalizam o acesso, no entanto continuam excluindo as pessoas com deficiência, por esse grupo ser considerado fora dos padrões da escola.

É evidente que, para o processo de aprendizagem ocorrer de forma ideal, é preciso romper com todas as formas de distinção e garantir o que está preconizado em lei. O acesso à educação é garantido por lei a todos, bem como um ensino público gratuito e de qualidade. Este direito está garantido no Art. 208, da Constituição Federal de 1988, onde está estabelecido que as pessoas com deficiência têm o direito à educação preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), em escolas regulares é uma questão que envolve diversos aspectos legais e normativos, podemos iniciar com a Constituição Federal de 1988 e na sequência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estas estabelecem o direito à educação para todos, sem qualquer tipo de discriminação.

A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, ratificada em 2008, reforça o direito à educação inclusiva, que deve ser proporcionada em um ambiente que valorize a diversidade e promova a participação e o aprendizado de todos os estudantes.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, foi instituída em 2008, essa política tem como objetivo garantir a inclusão escolar de discentes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, prevê a oferta de recursos de acessibilidade e tecnologia assistiva, formação de professores e criação de salas de recursos multifuncionais nas escolas.

Em 2015, foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que estabelece medidas de inclusão para pessoas com deficiência em diversos aspectos da vida social, incluindo a educação. Esta Lei prevê a oferta de serviços e recursos de acessibilidade em igualdade de condições com as demais pessoas, a garantia de atendimento educacional especializado e a promoção de ações afirmativas que estimulem a inclusão.

Com o Plano Nacional de Educação (PNE), que está em vigor desde 2014, fica estabelecido metas e estratégias para a melhoria da qualidade da educação em todos os níveis e modalidades. Entre as metas, destaca-se a meta 4, que prevê a universalização do atendimento escolar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na rede regular de ensino, com a oferta de serviços de apoio especializado.

As Diretrizes Nacionais Para a Educação Especial na Educação Básica, aprovadas em 2020, têm como objetivo orientar as políticas públicas de educação especial na educação básica. Entre as diretrizes, destacam-se a valorização da educação inclusiva e a promoção de uma escola que atenda às necessidades de todos os discentes, independentemente de suas características individuais.

Podemos concordar que, a inclusão de estudantes com TEA, em escolas regulares é respaldada por diversas normas e leis que garantem o direito à educação inclusiva e a promoção de políticas públicas que viabilizem essa inclusão. Cabe às escolas e aos professores promoverem a adaptação do currículo, o uso de tecnologias assistivas e a oferta de recursos de acessibilidade para garantir a participação e o aprendizado desses estudantes.

A inclusão de estudantes autistas é um processo que visa garantir o acesso à educação de qualidade a todos os estudantes, independentemente de suas habilidades e diferenças. Para que isso aconteça de forma efetiva, é importante que sejam considerados alguns aspectos específicos relacionados ao transtorno do espectro autista (TEA).

Um desses aspectos é a necessidade de um ambiente escolar estruturado e previsível, que ofereça rotina, clareza de expectativas e organização visual. Isso pode ser feito através da criação de uma rotina diária, do uso de recursos visuais e da oferta de apoios específicos, como a figura de um profissional de apoio ou a disponibilidade de um espaço tranquilo para o estudante acalmar.

Outro aspecto importante é a adaptação das atividades pedagógicas às necessidades individuais dos discentes com TEA, de forma que sejam desafiadoras, mas também acessíveis e significativas. Isso pode ser feito através da utilização de recursos multimodais, como imagens, sons e vídeos, e da criação de atividades que estimulem a interação social e a comunicação, que são áreas que costumam ser afetadas pelo TEA.

Assim sendo, é importante que os professores estejam capacitados para lidar com estudante com TEA, através de formações específicas e do acompanhamento de profissionais da área de saúde, como psicólogos e terapeutas ocupacionais. É fundamental que haja uma equipe multidisciplinar envolvida no processo de inclusão, para que se possa oferecer um suporte adequado tanto ao discente quanto à sua família.

Desta forma, é importante ressaltar que a inclusão de estudantes autistas é um processo contínuo, que exige adaptações e ajustes constantes para garantir que o discente esteja sendo atendido de forma adequada e recebendo o suporte necessário para o seu desenvolvimento.

#### **4 DESAFIOS DOS PROFESSORES DE ESTUDANTES COM AUTISMO**

Os professores enfrentam diversos desafios em sua prática educativa, os estudantes com TEA, muitas vezes apresentam dificuldades na comunicação, o que exige mais recursos e alteração nas práticas para tornar o processo de ensino e aprendizagem possível, de acordo com Reviéri (2004):

A educação das pessoas com autismo e outros transtornos profundos provavelmente exige mais recursos do que são necessários em qualquer outra alteração ou atraso evolutivo. Às vezes embora ocorram aquisições funcionais e um abrandamento dos traços autistas, os progressos são muito lentos. Aparentemente, podem ser mínimos quando comparados ao quadro de desenvolvimento normal. (RIVIÉRE, 2004, p.254)

Cada discente com autismo é único, e os professores precisam compreender suas necessidades individuais para adaptar a prática educativa, alguns estudantes com autismo apresentam comportamentos desafiadores, como agressividade ou estereotipias, que podem afetar o ambiente escolar e dificultar o aprendizado, os estudantes com autismo muitas vezes têm dificuldades em interagir socialmente com seus colegas, o que pode afetar sua inclusão na escola.

São necessárias adaptações curriculares específicas, para que possam aprender de acordo com seu ritmo e perfil cognitivo, pois a inclusão de estudantes com autismo na escola regular ainda é um desafio para muitas escolas e professores, que precisam trabalhar para criar um ambiente acolhedor e inclusivo para esses discentes.

O trabalho com estudantes com autismo pode ser emocionalmente desafiador para os professores, que muitas vezes se dedicam intensamente a atender às suas necessidades. Para lidar com esses desafios, é importante que os professores recebam formação adequada em relação ao autismo e suas particularidades, e que tenham acesso a recursos e apoio para adaptar a prática educativa às necessidades individuais dos estudantes com TEA. Além disso, é fundamental que haja um trabalho de conscientização e sensibilização de toda a comunidade escolar para a inclusão e valorização da diversidade.

As aulas remotas apresentam desafios adicionais para estudantes com TEA, e podem surgir alguns obstáculos, pois apresentam dificuldades em se comunicar por meio de plataformas virtuais, o que vem afetar o processo de aprendizagem, assim como as distrações do ambiente doméstico, pois geralmente são sensíveis a estímulos do ambiente e podem ter dificuldade em lidar com as distrações do ambiente doméstico durante as aulas remotas.

A falta de interação social, também constitui um sério problema, pois a interação social é fundamental para o desenvolvimento dos estudantes com TEA, e as aulas remotas podem limitar a oportunidade de interação com seus colegas e professores.

A dificuldade em lidar com tecnologias e plataformas virtuais, também podem afetar o acesso às aulas remotas e para minimizar esses desafios, é importante que os professores sejam sensíveis às necessidades individuais de seus discentes e ofereçam adaptações e suporte quando necessário.

Alguns exemplos de adaptações que podem ajudar incluem:

Comunicação clara e direta: é importante que os professores se comuniquem de maneira clara e direta com os estudantes com autismo, usando linguagem simples e visual para facilitar a compreensão.

Ambiente calmo e organizado: é preciso que, os professores incentivem os estudantes com autismo a criar um ambiente calmo e organizado para as aulas remotas, com poucas distrações e ruídos.

Interação social: os professores podem criar oportunidades para a interação social durante as aulas remotas, por meio de jogos e atividades colaborativas.

Suporte técnico: oferecer suporte técnico aos discentes com autismo é imprescindível para garantir que eles possam acessar as aulas remotas sem dificuldades.

Em resumo, é fundamental que os professores ofereçam suporte e adaptações para garantir que os discentes com autismo possam participar plenamente das aulas remotas e ter acesso a uma educação de qualidade.

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios adicionais para o cuidado com estudantes com autismo. Alguns dos cuidados que devem ser tomados são:

Criação de rotinas: É importante manter rotinas claras e previsíveis para os estudantes com autismo, de modo que eles possam se sentir seguros e confortáveis em meio à incerteza e mudanças decorrentes da pandemia.

Comunicação clara: Os professores e cuidadores devem manter uma comunicação clara e direta com os estudantes com autismo sobre a pandemia e as mudanças na rotina escolar, utilizando linguagem simples e visual para facilitar a compreensão.

Adaptação das atividades: As atividades escolares devem ser adaptadas para atender às necessidades individuais dos estudantes com autismo, considerando o contexto da pandemia. Por exemplo, é importante garantir que as atividades possam ser realizadas em casa, com materiais disponíveis no ambiente doméstico.

Criação de ambientes seguros: Os estudantes com autismo podem ser sensíveis a estímulos do ambiente, e a pandemia pode trazer novas fontes de estresse, como o uso de máscaras e o distanciamento social. É importante criar ambientes seguros e confortáveis para os estudantes com autismo, considerando suas particularidades e necessidades individuais.

Adaptações curriculares: Os professores devem adaptar o currículo para atender às necessidades dos estudantes com autismo durante a pandemia. Isso pode incluir a oferta de materiais visuais e interativos, e a utilização de estratégias de ensino individualizadas para cada estudante.

Apoio emocional: A pandemia pode ser emocionalmente desafiadora para estudantes com autismo e seus cuidadores. É importante oferecer apoio emocional e psicológico para ajudá-los a lidar com o estresse e a incerteza da pandemia.

Conclui-se que, o cuidado com estudantes com autismo durante a pandemia deve levar em consideração suas necessidades individuais e particularidades, oferecendo adaptações e suporte para garantir seu bem-estar e sucesso acadêmico.

## 5 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

Como parte da pesquisa, foi aplicado um questionário para duas professoras de uma escola no Município de Teodoro Sampaio, que tiverem estudantes com TEA matriculados em suas salas de aulas, durante o período da pandemia da Covid-19. Assim, foi possível verificar, na prática escolar, a real situação de como se deu o ensino aos discentes com TEA durante o período pandêmico.

No que diz respeito à primeira questão, “Como foi organizada a rotina de estudos dos discentes com TEA, durante o período da Covid-19? ”. Em vista disso, as respostas das professoras foram a seguinte:

Juntamente com a coordenação, foi estabelecido um roteiro de trabalho para ser desenvolvido com os alunos autistas. Os pais foram comunicados que as aulas ocorreriam através do WhatsApp, por chamada de vídeo, nos dias pré-estabelecidos, foi também combinado com os pais e responsáveis por estes discentes que, iríamos necessitar neste momento de todo apoio possível. Ficou estabelecido também que as aulas então no primeiro momento ocorreriam duas vezes na semana e seriam desenvolvidas atividades lúdicas.

As respostas dadas pelas professoras evidenciam que, antes de iniciar as aulas com os educandos com TEA, houve um planejamento e um acerto de compromisso com os pais e responsáveis, bem como uma definição de como, quando e quais seriam as atividades que seriam trabalhadas.

A segunda pergunta: “Quais estratégias foram utilizadas para que os estudantes ficassem engajados nas aulas?”, a resposta das professoras foram as seguintes:

Professora A: Como esse atendimento foi realizado de forma individual, sem a interferência dos outros alunos das salas, manter o aluno focado, foi um pouco mais fácil. O uso da tecnologia veio contribuir também para que o aluno ficasse engajado nas aulas, pois isso é algo que o interessa muito.

Professora B: Não foi tarefa fácil manter os alunos com TEA, engajados, no entanto só foi possível, pois muitos pais estavam comprometidos a contribuir neste processo. O estabelecimento de uma rotina foi fundamental, pois permitiu que os pais pudessem se organizar para ajudar no momento das aulas. Por fim, o uso do celular para realizar as aulas, fez com que os alunos com TEA se interessassem mais.

Podemos aqui concordar que, o uso de ferramentas tecnológicas para desenvolver as aulas remotas, contribuiu muito para que essa modalidade desse certo.

A utilização de atividades práticas e lúdicas, também contribui muito para manter os estudantes motivados e estimular o seu processo de aprendizagem. É importante lembrar que, cada discente é único, e os professores precisam ajustar suas estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada um.

A terceira pergunta: “Quais as principais dificuldades para a implantação do ensino remoto com estudantes com TEA?”

Professora A: Para alunos com TEA, a adaptação de uma rotina é algo muito mais complicado, eles costumam ter dificuldades em lidar com mudanças em sua rotina e ambiente e o ensino remoto trouxe mudanças radicais, essa foi a principal dificuldade.

Professora B: Uma das principais dificuldades para a implantação do ensino remoto com estudantes com TEA, sem dúvida foi a falta de habilidades dos pais para auxiliar os alunos, no entanto com o tempo foram melhorando nesses aspectos.

Diante do que foi exposto pelas professoras, podemos inferir que, foi um grande desafio a implantação do ensino remoto com estudantes com TEA, muitos professores tiveram dificuldades ao propor uma nova rotina, necessária no momento em que as aulas presenciais foram suspensas, dando lugar às aulas remotas. A falta de habilidade na utilização dos recursos tecnológicos, também é citado como um ponto negativo.

A quarta questão consistia em responder se “Os pais ou responsáveis relataram dificuldade em auxiliar o estudante durante as aulas remotas?

Professora A: Algumas das queixas, foram: Falta de tempo, dificuldade em estabelecer o cumprimento de regras com a criança, manter o aluno focado na aula, mudança na rotina do filho, etc.

Professora B: Alguns pais relataram a dificuldade em fazer com que o aluno entendesse que estávamos vivendo um momento atípico, e que, o modelo de ensino remoto teria que ser implantado naquele momento. Os problemas com o uso da tecnologia também foram alvo de apontamentos como dificuldades.

Pais ou responsáveis de estudantes com TEA, relataram dificuldade em auxiliar os discentes durante as aulas remotas. Isso se deve a vários fatores, como a falta de familiaridade com as tecnologias utilizadas nas aulas online, a falta de tempo para acompanhar de perto o processo de aprendizagem do estudante, a dificuldade em explicar ou compreender os conteúdos ensinados de forma virtual, entre outros.

Além disso, alguns pais ou responsáveis podem não ter as habilidades necessárias para oferecer suporte adequado aos estudantes nas aulas remotas. Essas dificuldades podem levar a um maior estresse tanto para os pais quanto para os estudantes, tornando o processo de aprendizagem mais desafiador.

A quinta pergunta consistia no seguinte enunciado: “Quais os desafios enfrentados para desenvolver as aulas remotas?

Professora A: Tivemos que, de uma hora para outra, utilizar uma forma de desenvolver as aulas, que não estávamos acostumados, a utilização de tecnologias digitais para dar aulas de forma remota assustou um pouco e pegou muitos professores desprovidos de habilidades para isso. Assim como os alunos também não estavam preparados.

Professora B: No início foram vários os desafios, pois a falta de habilidades para desenvolver as aulas utilizando apenas recursos tecnológicos, foi algo muito desafiador. Desenvolver atividades que fizessem com que os alunos ficassem motivados e engajados, também foi outro elemento muito desafiador.

Percebe-se que um dos desafios enfrentados pelos professores, foi fazer com que os estudantes se mantivessem engajados nas aulas, a falta de um ambiente adequado e estimulador, contribuiu para esse problema.

A sexta pergunta foi a seguinte: “Você considera que foi possível desenvolver as habilidades dos estudantes através do ensino remoto?

Professora A: Apenas em partes, pois a interação social de alunos com TEA, é muito importante para que o mesmo possa desenvolver as habilidades necessárias, e nesse momento de aulas remotas, essa interação não ocorreu. A falta de estruturação adaptadas, também contribuiu para que a aprendizagem dos alunos com TEA fosse prejudicado causando prejuízos a longo prazo.

Professora B: Como foi preciso realizar uma adaptação no currículo e nas formas de trabalho, foi preciso priorizar o mínimo possível de habilidades, aquelas mais significativas para o aluno, para serem trabalhadas e isso garante minimamente a aprendizagem dos alunos.

No tocante a adaptação do currículo, a fala das professoras conversa com teóricos que apontam que:

Flexibilizar o currículo, para responder a cada caso particular - comunidade, religião, língua, etnia, necessidade específica - não é ficar preso a conteúdos predefinidos e a ritmos e estratégias de aprendizagem rígidas, mas antes adaptar os conteúdos, ritmos e estilos de aprendizagem, às condições concretas de cada grupo, subgrupo ou indivíduo (CORREIA, 2008, apud MORGADO, 2011, p. 8).

É preciso conhecer o estudante bem como o contexto ao qual está inserido, para assim, ofertar uma educação de qualidade e atendendo às suas reais necessidades, trabalhando com práticas pedagógicas respeitando as diferenças e promovendo a aprendizagem.

Como é uma modalidade de ensino relativamente nova, o ensino remoto tem suas vantagens e desafios, embora seja possível desenvolver algumas habilidades dos discentes através do ensino remoto, há certos aspectos que podem ser mais difíceis de conquistar nesse contexto.

Por um lado, o ensino remoto pode proporcionar aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades como a autodisciplina, organização e autogestão do tempo. Além disso, o uso de tecnologia e ferramentas digitais pode aumentar a literacia digital dos estudantes, uma habilidade cada vez mais relevante na sociedade atual.

No entanto, é importante reconhecer que algumas habilidades podem ser mais desafiadoras de desenvolver no ensino remoto, principalmente como estudantes com TEA. Por exemplo, habilidades sociais, como a colaboração e o trabalho em equipe, podem ser mais difíceis de praticar quando os estudantes não estão fisicamente presentes uns com os outros.

Além disso, atividades práticas e supervisionadas, como experimentos científicos ou projetos, podem ser mais complicadas de realizar à distância, é fundamental combinar diferentes métodos de ensino e buscar soluções criativas para desenvolver as habilidades dos estudantes como TEA, mesmo durante o ensino remoto.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises de leituras de artigos e aplicação de um questionário, foi possível observar que, para estudantes com TEA, o isolamento social determinado como uma das formas para se conter a contaminação por COVID-19, apresentou pontos desfavoráveis, quando se tratando do desenvolvimento cognitivo, a interação social e o comportamento.

Nesse contexto, o estabelecimento de uma rotina escolar, de forma remota, não proporcionou as condições de manutenção das habilidades adquiridas em momentos de ensino presencial, a pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na rotina escolar de todos os estudantes, principalmente naqueles com Transtorno do Espectro Autista TEA.

No período de distanciamento social, muitos estudantes com TEA, foram privados do contato com professores e colegas de classe, o que pode ser particularmente difícil para aqueles que têm dificuldades em se comunicar e socializar.

O ensino remoto apresenta desafios adicionais para estudantes com TEA, que muitas vezes precisam de suporte adicional e estratégias específicas para aprender de forma eficaz. Isso pode incluir a necessidade de instruções mais claras, suporte para se concentrar e focar em uma tarefa.

Muitos discentes com TEA, dependem de rotinas previsíveis e estruturadas para se sentirem seguros e confortáveis. As mudanças drásticas na rotina causadas pela pandemia - incluindo a interrupção das

atividades escolares, esportivas e recreativas - podem ser estressantes e desestabilizadoras para esses discentes.

A pandemia também pode ter aumentado a discriminação contra pessoas com TEA, devido à desinformação e à ansiedade em torno da doença. Isso pode incluir a percepção equivocada de que pessoas com TEA, são mais suscetíveis a COVID-19, ou que não são capazes de seguir medidas preventivas, como o uso de máscaras faciais.

Conclui-se então que, a pandemia de COVID-19, teve um impacto significativo na rotina escolar e no bem-estar geral dos estudantes com TEA. É importante que os educadores, coordenadores e gestores escolares, reconheçam esses desafios e trabalhem juntos para apoiar os discentes com TEA, neste retorno de aulas presenciais, com a finalidade de reverter os impactos causados.

## REFERÊNCIAS

- Aquino, E. M., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., & Souza-Filho, J. A. D. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2423-2446.
- Araujo, L. A. S., & Fernandes, E. O cuidado com pessoas com deficiência em tempos da COVID-19: cM. (2020). Considerações acerca do tema/Caring for people with disabilities in COVID-19 times: considerations on the theme. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(3), 5469-5480.
- Barbosa, A., Figueiredo, A., Viegas, M., & Batista, R. (2020). Os impactos da pandemia Covid-19 na vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, 24(48), 91-105.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial. Série Livro. Brasília, DF: MEC/SEESP, 1994.
- BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil.
- CUNHA, M. J. dos S. Formação de professores: um desafio para o século XXI. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., 2009. Braga, Portugal. Anais [...] Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2009. p. 1048-1056.
- Cunha, C., Santos, R. G. H., & Carlos, D. M. (2016). O filho com transtorno global do desenvolvimento: percepções de mães acerca de cuidados cotidianos. *Revista Família, Ciclos de vida e Saúde no Contexto Social*. 4(2), 98-106.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.
- Dias, B. C., Marcon, S. S., Reis, P., Lino, I. G. T., Okido, A. C. C., Ichisato, S. M. T., & Neves, E. T. (2020). Dinâmica familiar e rede social de famílias de crianças com necessidades especiais de cuidados complexos/contínuos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 41, e20190178.
- Fernandes, A. D. S. A., Speranza, M., Mazak, M. S. R., Gasparini, D. A., & Cid, M. F. B. (2020). Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado às crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy*.
- Lima Reis, D. D., Neder, P. R. B., da Conceição Moraes, M., & Oliveira, N. M. (2019). Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação. *Pará Research Medical Journal*, 3(1), 0-0.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. Inclusão Escolar: o que é? Por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MASCARO, Cristina Angélica Aquino de Carvalho. Protocolo para aplicação do PEI. Material de aula do Curso de Extensão UERJ: alfabetização e letramento sob o viés do Plano Educacional Individualizado. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação. UERJ, 2020b.

MASCARO, C. A. A. de; REDIG, A. G. Plano Educacional Individualizado para alunos com deficiência intelectual. In: I Congresso Internacional de Educação Especial e Inclusiva e 13<sup>a</sup> Jornada de Educação Especial. São Paulo: Marília, 2016. p. 1-5.

MORGADO, J. Os desafios da Educação Inclusiva: fazer as coisas certas ou fazer certas as coisas. In: CORREIA, L. M. (Org.). Educação Especial e Inclusão: quem disser que uma sobrevive sem a outra, não está no seu perfeito juízo. Portugal: Porto Editora, 2003. p. 73-88.

RIVIÉRE, Ángel. Desenvolvimento psicológico e educação. In: COLL, César. Et al. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Resolução SE 68, de 12 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o atendimento educacional aos alunos, público-alvo da Educação Especial, na rede estadual de ensino. São Paulo: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 2017.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SOUZA, A. S. S; BARROS, C. C. A; DUTRA, F. D.; GUSMÃO, R. S. C; CARDOSO, B. L. C. C. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5016> Acesso em: 28 jun. 22.